

Ana Gelsemina Galafassi 

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN)
anagalafassi@hotmail.com

Wallace Araujo Oliveira 

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN)
wallacearaujo1982@hotmail.com

ARREBANHANDO VIDA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENTRE VALES E ARROIOS (RS)

Resumo

Este artigo aborda a educação patrimonial como prática de consciência cidadã, valorização da memória e ancestralidade, com foco no ateliê de cerâmica Arrebanhando - Residência Artística Urbana, em Arroio do Meio (RS). Os eventos climáticos que atingiram o Rio Grande do Sul entre 2023 e 2024 provocaram o deslocamento deste espaço cultural e revelaram vestígios arqueológicos de comunidades ancestrais Guarani que habitaram o Vale do Taquari. Investiga-se as transformações de um território em diferentes camadas de ocupação: desde a presença indígena originária, passando pela exploração como olaria, até sua ressignificação como residência artística dedicada ao resgate de saberes tradicionais das mulheres Guarani, pela técnica do acordelado na confecção cerâmica. A metodologia combina pesquisa bibliográfica sobre territorialidade, memória coletiva e educação patrimonial com entrevistas, explorando a dimensão subjetiva do lugar através da afetividade e do pertencimento. Os desastres ambientais provocaram perdas materiais e deslocamentos humanos, mas também desvelaram um patrimônio cultural até então soterrado, evidenciando a presença Guarani na região e abrindo oportunidades para políticas de preservação e musealização. O estudo destaca a importância de projetos de educação patrimonial que valorizem tanto o patrimônio material quanto o imaterial, enfatizando o protagonismo feminino – das mulheres Guarani no passado às práticas contemporâneas da ceramista.

Palavras-chave: residência artística urbana; território e memória; educação patrimonial; mulheres Guarani; cerâmica.

GATHERING LIFE, MEMORY, AND ANCESTRY THROUGH HERITAGE EDUCATION AMONG VALLEYS AND STREAMS (RS)

Abstract

This article addresses heritage education as a practice of civic awareness, valuing memory and ancestry, focusing on the Arrebanhando ceramics workshop - Urban Artistic Residency, in Arroio do Meio (RS). The climatic events that affected Rio Grande do Sul between 2023 and 2024 caused the displacement of this cultural space and revealed archaeological remains of ancestral Guarani communities that inhabited the Taquari Valley. This research investigates the transformations of a territory through different layers of occupation: from the original indigenous presence, through its exploitation as a pottery workshop, to its reinterpretation as an artistic residence dedicated to rescuing the traditional knowledge of Guarani women, using the coil technique in ceramic making. The methodology combines bibliographic research on territoriality, collective memory, and heritage education with interviews, exploring the subjective dimension of place through affectivity and belonging. Environmental disasters caused material losses and human displacement, but also unveiled a previously buried cultural heritage, highlighting the Guarani presence in the region and opening opportunities for preservation and musealization policies. The study highlights the importance of heritage education projects that value both tangible and intangible heritage, emphasizing the leading role of women – from Guarani women in the past to the contemporary practices of the ceramicist.

Keywords: urban artistic residency; territory and memory; heritage education; Guarani women; ceramic.

INTRODUÇÃO

Terra significa *p'ká*. *P'ká* é o nosso pertencimento, onde está nossa cultura, onde estão nossos conhecimentos, nossa tradição; então nossa relação com a terra vem dos nossos ancestrais. Hoje em dia, a gente carrega essa luta pela continuidade da nossa terra, da floresta, por causa da luta dos antigos, por uma conexão entre a nossa história e a terra a que pertencemos. [...] Nossa história baseia-se nesse pertencimento, no nosso lugar, que é sagrado, que tem locais por onde nossos antepassados passaram, então são locais com história, com valores não financeiros, mas valores de conhecimento e espirituais. Então, nossa ligação com a terra é uma ligação espiritual, uma conexão que a gente tem com nosso território de pertencimento (Paiakan, 2023, p. 37).

Nas palavras da kaiapó Maia Paiakan, ativista de direitos indígenas do Pará, se traduz o significado da terra na sua cultura, indicando pertencimento e conexão espiritual. Esta perspectiva dialoga com o que pretendemos elucidar neste trabalho. Será um apontamento sobre Gaia, a mãe terra que nutre a vida. Da terra como sabedoria e potência que regenera. Da terra que se transmuta em expressão da arte e que pede por cuidado.

Entre setembro de 2023 e maio de 2024, o Rio Grande do Sul vivenciou o mais grave evento climático, em que volumes excessivos de chuvas provocaram inundações, deslizamentos, destruições e mortes. As manchetes das mídias destacaram na ocasião: “Do primeiro alerta à catástrofe: como se desenhou a maior enchente da história”, por Mateus Souza (2024), Grupo A Hora, jornal local; “As cicatrizes que o Taquari deixou na alma de Cruzeiro do Sul”, por Rosane de Oliveira (2024), Zero Hora; “RS: cidades do Vale do Taquari contabilizam estragos e repensam futuro”, por Pedro Rafael Vilela, da Agência Brasil. Vilela (2024) assim descreve: “O cenário que se vê após a catástrofe mais recente é o de uma zona de guerra, com pontes destruídas, casas em ruínas, entulho e lama acumulados por todos os lados, e a população abalada”.

Este panorama elucidava os impactos que este desastre ambiental causou na vida das pessoas, seja pelas perdas humanas ou pela perda de referência de suas casas, memórias e patrimônios. A população foi afetada de várias maneiras, tendo comprometidos os aspectos emocionais, econômicos, sociais, de infraestrutura e de saúde pública das cidades. Paisagens se modificaram, patrimônios foram destruídos, empregos perdidos, deslocamentos necessários. O contexto nos leva a pensar sobre a memória, a paisagem cultural e a reconstrução deste território.

Considera-se relevante relatar que este estudo surgiu a partir de proposição para uma disciplina da Pós-Graduação em Turismo Cultural e Educação Patrimonial, do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), que relacionava espaço, cultura e educação patrimonial. Entendendo ser o Arrebanhando - Residência Artística Urbana (RAU) uma possibilidade de conexão destes conceitos e identificando um potencial de ações com vistas à educação patrimonial e salvaguarda da memória de um lugar, e que integra também um roteiro turístico, nos sentimos motivados a discorrer sobre este tema.

DELIMITAÇÃO DO TRABALHO, PROBLEMA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente artigo apresenta o Arrebanhando como um laboratório de subjetividades. Este território, na cidade de Arroio do Meio, segue em transformação, uma vez que se supõe ter sido um lugar por onde passaram povos tradicionais Guarani, em outros tempos foi uma olaria de onde a terra (o barro) foi extraída para a confecção de tijolos e, mais recentemente, passou a ser um espaço de criatividade e educação patrimonial, voltando a receber a lama com as mudanças climáticas ocorridas no Rio Grande do Sul.

Neste lugar rememoram-se saberes e fazeres ancestrais de mulheres Guarani para a confecção da cerâmica - técnica do acordelado, uma tecnologia ancestral que perpassa por afetos, espiritualidade e temporalidade. Esta narrativa evidencia-se como uma inquietude e desafio individual, por se tratar de um território particular, mas também coletivo pelas memórias e histórias ali vivenciadas.

O título que adotamos: Arrebanhando a vida, memória e ancestralidade pela educação patrimonial entre Vales e Arroios (RS), diz da resiliência e mudanças no existir de pessoas e lugares, do cuidado com a história e a memória coletiva. Neste contexto, como a enchente se articula com a memória, o patrimônio e o apagamento cultural?

Em primeiro lugar, abordamos a cosmovisão dos povos originários com a terra num sentido do território e do ambiente. Essa questão contribui para sensibilizar para uma prática do cuidado com o lugar em que vivemos, assim como refletir sobre a relação e o equilíbrio entre o ser humano e o meio ambiente na visão de mundo dos povos originários, tão urgente na contemporaneidade.

Em seguida, tecemos algumas discussões referentes à ação das mulheres Guarani e seus saberes tradicionais: dos rezos, do cuidado com as sementes, da prática da cerâmica, procurando relacionar com a herança cultural que ainda é revisitada ao abordar sobre práticas culturais e sociais que envolvem a confecção da cerâmica. O cuidar feminino dos afetos, da temporalidade, da manualidade. A relação do tempo com a prática manual. É um outro tempo.

Em continuidade, buscamos apontar a relevância de possibilidades de pesquisas e projetos de educação patrimonial que objetivem a valorização do patrimônio material e imaterial que ficou à mostra em ocorrência das enchentes no Rio Grande do Sul. Como possibilitar que a comunidade tenha acesso a esta materialidade e conhecimentos sobre seu próprio território? Que desvelamentos ainda se fazem necessários?

No que se refere à metodologia, o trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica com a abordagem dos conceitos territorialidade, lugar, memória coletiva e educação patrimonial. Importa dizer que, pela proximidade e interação com o lugar, e também por ser aluna de cerâmica, a produção deste texto ressoa numa percepção pessoal sobre espaço, experiências e produções de sentido que emergiram com estas conexões.

Em seguida, houve a escuta da ceramista Cláudia Jung, realizada através de entrevista presencial, no dia 13.06.2025, e de áudios no dia 20.06.2025, com perspectiva de outros entendimentos sobre este território e as relações produzidas a partir dele.

Um trabalho que fala no e através do feminino. No respeito à mãe terra, no saber das mulheres Guarani, no protagonismo da RAU com a presença da ceramista Cláudia Jung, na escrita que aqui compartilhamos.

COSMOVISÃO DA CULTURA INDÍGENA SOBRE A TERRA

Para nós, a casa é toda a floresta, é todo o planeta. Habitamos nessa morada sagrada que é a Terra (Casa, 2025).

A epígrafe é uma fala de Cristine Takuá, ativista, professora indígena da etnia Maxacali e teórica decolonial, em participação no Ciclo Planeta Casa, projeto que partiu da obra Filosofia da casa, de Emanuele Coccia, pensando na pluralidade de habitar o planeta. Traduz, de forma singular, o pensamento do Guarani, um povo indígena da América do Sul que se organiza como sociedade em vida comunitária sustentada na coletividade e numa profunda relação com a natureza.

Com um modo de vida tendo por base a agricultura, caça, pesca e coleta,

Os Guarani eram agricultores, isto é, cultivam inúmeras espécies vegetais para o consumo. As roças eram cultivadas após a abertura de locais próprios na mata por meio das queimadas, a coivara [...]. O sistema de “manejo agroflorestal”, nome da economia associada a esses povos, deve ter propiciado a ampliação da biodiversidade de vegetais em locais onde os Guarani se instalavam. Ao mesmo tempo em que reconheciam novas áreas, coletavam novas espécies para cultivá-las em suas roças, aumentando assim o número de vegetais de seu interesse (Kreutz; Machado, 2017, p. 30-31).

Neste sentido, a visão de mundo Guarani nos convoca a respeitar a terra e, de forma responsável, cuidar do ambiente em que vivemos como um lugar sagrado e abundante que parece pedir seu espaço.

Considerando o contexto deste trabalho, importa pensar a potência da terra como geradora da vida. Tem textura, tem cheiro, acolhe a semente, germina e faz nascer. Neste ponto podemos distinguir significados para cada etapa de transformação do território que apresentaremos. A terra, em sua materialidade, tem o poder de transformação, de plasmar, de ser outra coisa além do que é. Pode ser o sustento para a existência humana, quando a utilizamos para a colheita. Pode ser o suporte para produzir o alimento ou o invólucro para sepultar os mortos, no caráter de utensílio. Como matéria-prima, ser estrutura para construir casas, assim como expressão artística nas mãos de uma ceramista.

Refletir sobre a interação homem-natureza é outro aspecto significativo e nos dá recursos para compreender como nos relacionar com a vida numa perspectiva mais ampla e integral, contribuindo para conservar a biodiversidade e a sustentabilidade do ambiente. Os ensinamentos da natureza, dos ciclos, dos tempos, do poder de se re-criar, onde tudo está interconectado. A terra que, a partir e pelos afetos se revela território, espaço de vivência e relações sociais.

OS SABERES ANCESTRAIS DAS MULHERES GUARANI

Carregamos os conhecimentos milenares sobre a Mata Atlântica e as sementes. Na Tekoa Pira Rupa lembramos que temos remédio, força e sabedoria de sobra. Fizemos uma busca das medicinas da região e pudemos coletar remédio para todos os tipos de doença e males e juntas cozinhamos nosso alimento sagrado que são medicinas para cura do nosso corpo e do nosso espírito. Com o riso solto, fizemos os chás para benzimentos e banhos com as ervas medicinais. Era um cheiro de aromas espalhados no encontro, e a cura estava sendo feita não só dos nossos corpos, mas também na nossa memória. Coletamos nossas medicinas na mata, contando e ouvindo sobre o poder de cada erva medicinal, preparamos o avaxi ku'i, mbojape, kaguivy, entre outros alimentos e lembramos dos nossos avôs, nossas avós, lembramos das histórias que vão sendo contadas, do que faziam antigamente, e assim vamos nos curando, vamos ficando melhores (A luta, 2021).

A citação refere-se ao I Encontro Estadual de Mulheres Guarani, realizado em 2021, na comunidade indígena da aldeia Pira Rupá, em Palhoça, Santa Catarina. Tekoa é um conceito Guarani que traduz o lugar de bem viver em harmonia com o todo. As mulheres indígenas desempenham um papel essencial na preservação de suas culturas, línguas e tradições milenares. Preservam a biodiversidade, com a troca de saberes de sementes, a medicina da natureza com as ervas e rituais sagrados, numa relação com o ambiente em que se encontram.

O conceito de ancestralidade se refere a um ponto de conexão entre os indivíduos e suas comunidades, criando ideia de pertencimento e continuidade histórica, seja por herança genética ou cultural. Mas, no contexto deste trabalho, de que ancestralidade estamos falando, uma vez que a ceramista não descende dos povos tradicionais que habitaram a região? Seguimos a proposição de Halbwachs (1990) de que a ancestralidade é um fenômeno social e não individual, sendo a memória coletiva um aspecto fundamental para sua manutenção. A ancestralidade estaria na conexão que liga humanidades, memórias que ultrapassam tempo e espaço, dizem de vidas que aqui estiveram. Conforme será apresentado mais adiante, vestígios comprovam que este território era indígena antes dos colonizadores chegarem no Vale do Taquari.

Procura-se apontar que a materialidade, o barro, foi herdado como prática cultural, seja no uso da argila como manualidade, seja no ensinar o processo da confecção da cerâmica.

Embora este estudo não seja um trabalho arqueológico, utilizaremos desta área do conhecimento para contextualizar o tema e marcar sua importância no entendimento sobre as culturas originárias. Conforme Noelli, Brochado e Corrêa (2018, p. 169),

As vasilhas cerâmicas são utilizadas em todo o mundo como marcadores geográficos e cronológicos na investigação arqueológica. Também são utilizadas para reconhecer diversos aspectos relacionados ao modo de vida, tecnologia, economia, sociabilidade, territorialidade e conhecimentos diversos.

ARREBANHANDO VIDA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENTRE VALES E ARROIOS (RS)

Em visita ao Laboratório de Arqueologia, do Museu de Ciências da Universidade do Vale do Taquari - Univates, em Lajeado, Rio Grande do Sul, com o objetivo de observar peças cerâmicas produzidas pelas mulheres Guarani (Figuras 1 e 2), encontramos estudos realizados pela equipe do laboratório a partir da cerâmica arqueológica, na região do rio Taquari-Antas e seu afluente Forqueta. São registros sobre a confecção de cerâmica como uma atividade feminina entre os Guarani que utilizavam a técnica “roletada como majoritária, uma mistura de chamote e óxido de ferro como principal tipo de tempero, atmosfera de queima equilibrada, decorações alisadas, corrugadas e unguladas como as mais frequentes, respectivamente, e traços de cerâmica pintada” (Schneider; Machado, 2020, p. 411). Estes estudos são relevantes no entendimento sobre a tecnologia ancestral Guarani e comprovam as marcas deixadas por eles.



Figura 1. Vasilha de cerâmica.
Fonte: Da pesquisadora (2025).



Figura 2. Decoração em vasilha de cerâmica.
Fonte: Da pesquisadora (2025).

Na perspectiva da cultura material, a cerâmica tinha muitas funcionalidades, tanto nos usos domésticos, para a preparação e cozimento de alimentos e para comer e beber, quanto em rituais e cerimônias, através dos preparos das ervas e das urnas funerárias (Figura 3).



Figura 3. Urna funerária da cerâmica Guarani.
Fonte: Da pesquisadora (2025).

Sobre a técnica da confecção das vasilhas, Noelli, Brochado e Corrêa (2018) identificaram que era feita da base para a borda, algumas possuíam acabamentos decorativos e, muitas vezes, pinturas. Segundo os autores:

Uma expressão caracterizava o início da atividade: ahevirũ japepo [...] dar principio el ollero a la olla que hace. A oleira construía as paredes com a superposição de roletes (cilindros) de pasta cerâmica. A confecção dos roletes era denominada aikyty ña'ẽ'ũ [...] estirar el barro para hacer ollas (kyty [...] refregar, no sentido de esfregar com a mão, girando a argila sobre uma base para fazer o rolete) (Noelli; Brochado; Corrêa, 2018, p. 181, grifos dos autores).

Os autores destacam ainda a importância da preservação dos saberes sobre a sua confecção e o que se perde com o distanciamento da prática desta atividade ancestral da produção da cerâmica. Segundo eles,

No presente, em certas comunidades, alguns Guaraní decidiram voltar a fazer vasilhas cerâmicas, procurando ressignificar alguns conhecimentos atuais sobre usos e formas. Mas enfrentam dificuldades para superar entre eles a longa ausência da produção de vasilhas cerâmicas e o desaparecimento das protagonistas deste campo do saber. Com a morte das mulheres que detinham a expertise prática, a capacidade para oferecer a orientação prática e teórica na aprendizagem da tecnologia cerâmica e da memória do conhecimento tradicional ficaram reduzidas (Noelli; Brochado; Corrêa, 2018, p. 193).

Embora reinterprete o fazer Guaraní, a prática proposta no Arrebanhando serve como um trazer de volta o que se entende como um apagamento cultural, no sentido de distanciamento com a prática, assim como se apresenta com possibilidade de valorizar a presença de diferentes etnias que formaram a cidade e região. Em uma região em que os imigrantes europeus estão fortemente presentes, majoritariamente germânicos e italianos, as práticas e conhecimentos dos povos originários podem ter sido silenciados.

O QUE A ÁGUA REVELOU

Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar nosso roteiro de vida (Krenak, 2020, p. 32-33).

No Artigo 1º da Carta Internacional sobre a Proteção e a Gestão do Patrimônio Arqueológico (1990), o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), uma associação não governamental associada à UNESCO cujo objetivo é promover a conservação, a proteção, o uso e a valorização de monumentos, centros urbanos e sítios define que

O patrimônio arqueológico é a parte do nosso patrimônio material para a qual os métodos da arqueologia fornecem os conhecimentos de base. Engloba todos os vestígios da existência humana. Este conceito aplica-se aos locais onde foram exercidas quaisquer atividades humanas, às estruturas abandonadas e aos vestígios de toda a espécie, à superfície, no subsolo ou submersos, bem como a todos os objetos culturais móveis que lhe estejam associados (ICOMOS, 1990, p. 1).

Entre 2023 e 2024, o Rio Grande do Sul vivenciou o que é considerado o maior desastre ambiental já ocorrido, superando o de 1941, até então sua marca histórica. Nesta de 1941, o rio Guaíba registrou 4,76 metros de elevação no nível da água — e era, até recentemente, a maior referência de tragédia ligada a um desastre natural em Porto Alegre. Segundo os relatos da época, foram 22 dias de chuvas naquele mês (Machado, 2024).

A matéria do jornal Zero Hora, de 08 de julho de 2024, destaca: “Enchente do Vale do Taquari traz à tona descobertas arqueológicas sobre os povos Guarani, levando ao mapeamento e registro de novos sítios arqueológicos Guarani nas margens dos rios Taquari, Antas e Forqueta, um território que compreende 12 municípios”. A reportagem destaca o expressivo, no sentido quantitativo, mas também significativo potencial de novas descobertas sobre o patrimônio cultural existente no país, sendo que

O Brasil conta com 37,2 mil sítios arqueológicos cadastrados no Iphan. Desses, 4,1 mil são no Rio Grande do Sul – nenhum Estado tem maior número. Além do Vale do Taquari, há sítios em pelo menos outras dez regiões. Entre 2023 e 2024, 163 novos sítios arqueológicos foram cadastrados no Estado (Girardi, 2024).

Importante destacar que estes artefatos são resultado do fazer humano que se apresenta como patrimônio imaterial nos saberes que vão sendo compartilhados ao longo do tempo. No que tange à educação patrimonial, segundo a arqueóloga Dra. Neli Teresinha Galarce Machado, “algumas peças poderão ser exibidas em exposições de museus da região no futuro” e destaca a importância dos achados:

O mais importante dessas descobertas é que ter conhecimento de que civilizações antigas viveram na região muito antes dos colonizadores chegarem, que esse território é indígena. Hoje, na contemporaneidade, temos a tendência de negar muito a história mais antiga. E conseguir trazer à tona esses dados que revelam e que provam que civilizações inteiras viviam na região e tinham total domínio tecnológico do espaço é o mais relevante (Girardi, 2024).

Estudos recentes realizados pelo Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências da Universidade do Vale do Taquari – Univates, juntamente com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sobre o que foi encontrado com a enchente ocorrida no Rio Grande do Sul destacam que

A dinâmica da área sofreu um forte impacto quando a primeira grande enchente de 2023 arrasou a região. Depois, em maio de 2024, um evento ainda mais drástico varreu a superfície da área, revelando um sítio arqueológico surpreendente: uma antiga aldeia indígena Guarani, um povo que teve sua origem longínqua na Amazônia, e que depois de promover uma longa expansão pré-colonial em direção ao Sul, se estabeleceu nas férteis planícies do Vale do Taquari há séculos (Schneider; Machado, 2024).

Sob a coordenação da pesquisadora e professora Dra. Neli, uma equipe de profissionais coletou material procurando investigar a configuração e forma de vida destes povos, relatando que:

No interior dessas camadas de terra preta foram identificados vestígios arqueológicos em grande quantidade. Entre esses, fragmentos de vasilhas cerâmicas, ferramentas de pedra lascada e polida, ossos de animais

diversos, fragmentos de carvão, isto é, lenhos carbonizados, e sementes carbonizadas, assim como inúmeras estruturas de combustão, as fogueiras, elaboradas a partir do posicionamento circular de rochas (Schneider; Machado, 2024).

Prosseguem descrevendo o que nos interessa neste trabalho, e que nos ajuda a contextualizá-lo entendendo as marcas deixadas no território:

Antes de serem abandonados pelos antigos grupos indígenas e perturbados pelas atividades agrícolas desde o século 19, os fragmentos encontrados formavam utensílios muito bem elaborados. Foi possível verificar, por exemplo, a presença de panelas com decoração corrugada (com marcas da pressão dos dedos) e ungulada (marcas de unhas), pequenas tigelas com motivos geométricos pintados em vermelho, branco e preto e grandes jarros pintados ou com decorações diversas mescladas. Essas belas panelas eram utilizadas para cozinhar milho, mandioca, feijão e outras tantas plantas domesticadas e dominadas por esses povos, além de servirem para o preparo bebidas e poções medicinais (Schneider; Machado, 2024).

Embora estes fatos tenham trazido luz sobre o patrimônio material do Rio Grande do Sul, considera-se importante refletir sobre as consequências do que aconteceu e o que podemos fazer para mudar a situação. Como estas descobertas podem impulsionar políticas públicas de preservação e musealização do patrimônio? Que ações de educação patrimonial poderão ser realizadas neste sentido? Como a revelação deste patrimônio poderia ser abordada nas escolas e instituições culturais para sua valorização, maior consciência de cidadania e respeito pela diversidade cultural? Entende-se ser esta uma grande oportunidade de olhar para o patrimônio cultural e gerar práticas educativas significativas.

Em 25 de novembro de 2025, o Museu de Ciências da Univates inaugurou uma nova sala expositiva, junto ao Centro Cultural Univates, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), objetivando uma maior aproximação com o público e dar visibilidade aos estudos científicos que envolvem a cultura material. Percebe-se que, neste novo espaço expositivo, o público tem mais acesso, uma vez que está junto da Biblioteca e do Teatro, por onde circulam mais estudantes e moradores da cidade e municípios vizinhos. Antes, ficava numa sala num dos prédios da instituição e as visitas limitavam-se basicamente às pessoas que tivessem interesse específico sobre o tema. Acredita-se que agora o Museu se apresenta como um guardião de memórias, valorizando o patrimônio cultural, mas também enquanto provocador de interesses, convidando à visita e uma possibilidade de maior visibilidade, reflexões e fomento da educação patrimonial.

TERRITORIALIDADE: UM LUGAR DE SENTIDOS

A questão do território já foi abordada por diversos pesquisadores, dentre eles, Deleuze e Guattari (2010), Santos (2001) e Lefebvre (1991), e nas mais diversas áreas do conhecimento, considerando desde seu caráter geográfico (a dimensão material) até seu caráter social (a dimensão simbólica).

Para este estudo, trazemos a abordagem de Haesbaert (2010) em que a territorialidade envolve as dimensões espacial e relacional entre os atores sociais. Nesta perspectiva, um lugar adquire significado e sentido de pertencimento e vai se constituindo um território simbólico. O autor distingue território de territorialidade, sendo que o primeiro não pode ser caracterizado apenas pelo caráter simbólico, enquanto a territorialidade é identificada e compreendida por ele.

Haesbaert (2010, p. 27) define território “[...] a partir da concepção de espaço como um híbrido - híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e ‘idealidade’, numa complexa interação tempo-espaço”.

Diante das mudanças climáticas ocorridas no Rio Grande do Sul, para designarmos o objeto de estudo, ao nos referirmos ao espaço geográfico utilizaremos o verbo no passado, muito embora sua existência enquanto prática cultural – e de resistência – mantenha-se ativa no tempo presente. Este trabalho analisa o Arrebanhando, que estava localizado na cidade de Arroio do Meio, e se autodefine como um espaço que busca sensibilizar para a arte e a conexão com a natureza (Arrebanhando, 2025). Um território que foi herdado dos avós pela ceramista e professora Cláudia Jung, juntamente com seus filhos Aline e Davi. Compreendia a residência em que moravam, uma casa-ateliê onde eram oferecidos cursos de cerâmica, macramê, papel artesanal, feltragem em lã de ovelha, entre outros. Muitos cursos foram realizados em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), envolvendo a comunidade local e cidades vizinhas. Na parte inferior da casa-ateliê, havia um espaço para as aulas de cerâmica, o viés que destacaremos neste trabalho.

Uma área bem próxima ao Rio Taquari, com 3.200 m² de extensão de terra que, além das casas, foi reflorestada com árvores, plantas frutíferas e um gramado onde, em cada canto, uma “surpresa artística” surgia, foi tomada pela lama.

Como já referenciado anteriormente, infere-se que tenha sido um território de morada de grupos guaranis, povos tradicionais que povoaram a região. Vestígios de cerâmica foram encontrados pelo pai de Cláudia que tinha ali uma olaria, de onde retirava o barro para a produção de tijolos. A ceramista guarda um fragmento destes achados como um símbolo da existência e legado Guarani no processo de fazer cerâmica que apresenta aos alunos nas aulas: a técnica utilizada pelas indígenas Guarani na produção de seus potes.

O estudo de Kreutz e Machado possibilita compreender e deduzir sobre a ocupação deste território, quando apresentam que

Os Guarani escolhiam locais que pudessem satisfazer suas necessidades de subsistência. No caso, áreas com a matéria-prima utilizada na confecção dos objetos de sua cultura material, fontes de argila para a produção de cerâmica e depósitos de seixos de basalto para a fabricação dos artefatos líticos. Esses locais deveriam estar próximos a rios, pois, ao mesmo tempo em que supriam a necessidade de água, permitiam a pesca e a navegação. Outros aspectos, como, por exemplo, terra fértil para o cultivo de vegetais e uma localização que propiciasse fácil defesa do grupo também influenciavam a escolha do local de assentamento (Kreutz; Machado, 2017, p. 30).

A ocupação de um território pode ir mudando as características do lugar e adquirindo novas funções e sentidos. No caso do Arrebanhando, identificam-se várias camadas de sentido e apropriação do lugar: uma de subsistência (povos originários), uma extrativa (olaria) com a retirada da terra, uma regenerativa e criativa (reflorestamento e ateliê de cerâmica). Cada uma destas camadas deixou marcas históricas, geográficas, ambientais e culturais, revelando possibilidades de uma análise social na perspectiva de Santos (2001), que considera o território um espaço dinâmico que vai se moldando pelas relações humanas.

No início deste trabalho dizia-se da narração sobre um território em transformação. A paisagem já tinha sido modificada quando a terra foi extraída para a produção de tijolos, sendo um lugar que abrigava uma olaria que passou do avô, Oscar Jung, para o pai, Milton Jung, de quem Cláudia e os irmãos foram os herdeiros. Na perspectiva de residência, ateliê e roteiro turístico e cultural outras modificações ocorreram. Com a chegada das águas e da lama surge uma nova paisagem. Sobre a impermanência dos lugares, Pinheiro e Leão (2018, p. 1-2) ilustram que

A paisagem expressa em si às ações da sociedade, através da cultura, das crenças e da própria percepção individual de cada ser, assim, é impregnada do passado, mas representa o presente com toda a complexidade da sociedade moderna. A paisagem não é estática, imóvel ou parada, mas sim dinâmica, não é apenas visual é multissensorial, é movimento, inconstância, tempo passado percebido no presente, por assim dizer, está em constante transformação. Por ser dotada de significados, a interpretação dos elementos sistêmicos e dinâmicos são essenciais para entendermos as ações da sociedade no espaço geográfico e compreendermos a relação homem-natureza de forma integrada.

Apresentaremos algumas imagens do que foi o Arrebanhando antes dos impactos climáticos e como ficou, após. O que encontramos hoje neste local é bem diferente disto. Uma rua praticamente abandonada, pois as residências foram, em sua maioria, condenadas e sem possibilidade de voltar a ser habitadas. O laudo da Defesa Civil registra uma casa “definitivamente inabitável”.

A Figura 4 apresenta uma imagem da entrada no espaço cultural, com a identificação do local e o slogan “Sem o outro não somos”. Frase que parece traduzir o que foi vivenciado nesse momento de incertezas e de ajudas que vieram de todo o Brasil para acolher o Vale do Taquari e o Rio Grande do Sul. Diz também sobre a receptividade em cidades e locais por onde o Arrebanhando passou. Sem a presença do outro, possivelmente o RAU teria sido apenas um espaço geográfico nesse contexto.



Figura 4. Vista da entrada da rua
Fonte: Arrebanhando (2025).

Ao fundo, aparece a residência em que moravam e corresponde à Figura 5, que mostra como ficou com as chuvas. E as imagens mais recentes do que foi possível acessar do lugar, Figuras 6 e 7.



Figura 5. Após a enchente.
Fonte: Cláudia Jung (2024).



Figura 6. Entrada residência - imagem de julho 2025.
Fonte: Da pesquisadora (2025).

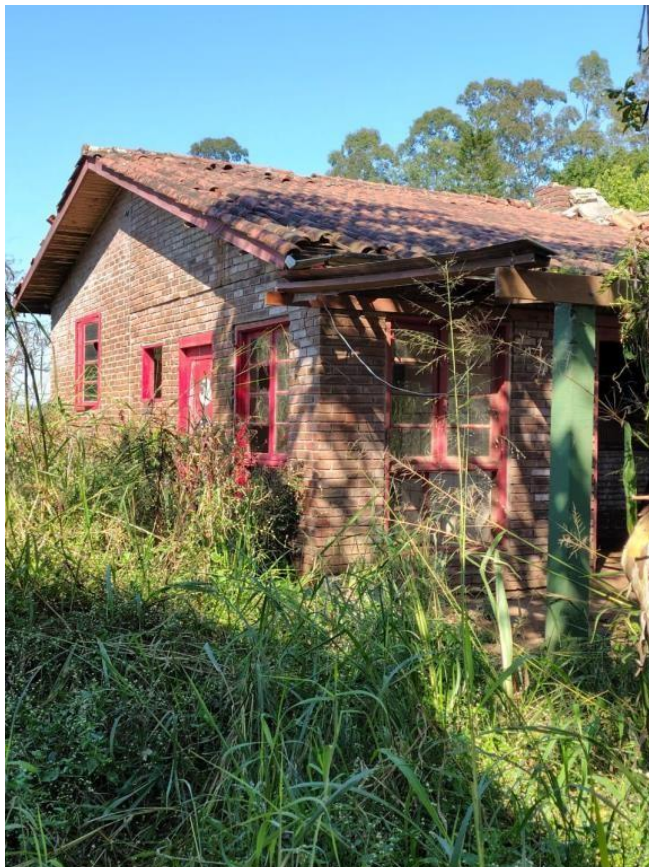


Figura 7. Casa ateliê do Arrebanhando – imagem de julho 2025.
Fonte: Da pesquisadora (2025).

Na Residência Artística Urbana, podia-se traduzir o conceito de territorialidade na identificação do lugar, com bandeirinhas coloridas, nas ovelhas de cerâmica sobre o muro, no jogo de amarelinha na calçada, nas pinturas nas paredes, nos anões que pareciam dialogar conosco e também pela figueira e pela paisagem que sensibilizavam os visitantes. O Arrebanhando, enquanto espaço cultural, provocou muitos afetos e afetou muitas pessoas nas descobertas de suas subjetividades e produziu memórias. A Figura 8 apresenta estudantes em visita ao ateliê, enquanto a Figura 9 traduz motivações para estar no lugar.



Figura 8. Visita ao Arrebanhando.
Fonte: Da pesquisadora (2022).



Figura 9. Detalhes do lugar.
Fonte: Da pesquisadora (2022).

INTEGRANDO UM ROTEIRO TURÍSTICO E FORMANDO VÍNCULOS

A cerâmica é a única poesia que pode ser tocada. As mãos que moldam a argila não só dão forma a um objeto. Dão vida a uma história. Cada curva, cada rachadura é um verso que narra a paciência do seu criador. As horas de silêncio e as emoções passadas ao barro úmido. Não há falsidade na cerâmica. É honesta porque não esconde suas cicatrizes. Ao tocar uma peça não se sente só a textura, se sente as mãos que a formaram. O som da sua alma. A cerâmica assim como a poesia, nascem do fogo. O forno, assim como a vida, prova nossa força. Ali na chama se transforma, se endurece, porém nunca perde sua essência. É uma prova de que a beleza não se encontra na perfeição, mas naquilo que sobrevive ao tempo (Anônimo).

O Arrebanhando integra o roteiro turístico Entre Vales e Arroios, na cidade de Arroio do Meio, que, dentre suas especificidades, prevê atividades em contato com a natureza e belas paisagens, espaços gastronômicos e culturais. Espaço criado pela ceramista Cláudia Jung, mulher de ancestrais germânicos, mãe da Aline e do Davi. Desistiu de um concurso público para seguir o que lhe traria mais sentido de vida: trabalhar com a cerâmica, o que aconteceu muito intuitivamente, segundo ela. Recentemente, a ceramista percebeu a relação de trabalhar com a terra e a história do lugar que herdou. Uma artista, professora e produtora cultural que trabalha com diversas técnicas e materiais. Pinta, produz cerâmica, faz papel artesanal, conhece o processo da preparação da lã para confeccionar no tear, costura, borda, desenvolve projetos culturais, enfim, encontra-se num universo de criação e criatividade. É oficina do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), na cidade onde mora, Arroio do Meio.

A Residência Artística Urbana destacava-se por ser um lugar em que a natureza era exuberante, complementando com a proposta de um ateliê de cerâmica em que os turistas poderiam experimentar uma prática com a argila. A Figura 10 mostra a tecnologia ancestral do acordelado proposto para ser vivenciado pelos visitantes.



Figura 10. Técnica do acordelado.
Fonte: Arrebanhando (2025).

ARREBANHANDO VIDA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENTRE VALES E ARROIOS (RS)

No âmbito do turismo podemos refletir: o que nos leva a conhecer, visitar um lugar? Para Bartoly (2011), o conceito de lugar permeia entre subjetividade e objetividade, que tem uma dimensão material (da localização e relação com os objetos e tudo o que está em torno), e uma dimensão abstrata (que aborda os símbolos e significados que as pessoas dão ao lugar). A ideia de lugar é produzida a partir da afetividade. O Arrebanhando como um lugar genuíno onde se conectar com a natureza, com arte distribuída pela paisagem isso o caracteriza como criador de memórias, sensações e formação de vínculos pelas experiências proporcionadas por quem ali passou. Chegar no Arrebanhando pedia um tempo para parar, ver e sentir a natureza, moldar o barro.

Percebe-se, também, que a participação da RAU no circuito do turismo foi um aspecto importante para a valorização da memória e cultura local, uma vez que, conforme a Unesco (2025), “o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas”.

Fontal Merillas (2022) propõe que o patrimônio cultural seja pautado na formação de vínculos entre o sujeito e o bem cultural numa sequência de verbos que compõem o processo de patrimonialização: conhecer, compreender, respeitar, valorizar, cuidar, usufruir e transmitir o patrimônio. A Figura 11 apresenta um grupo de alunos em visita ao Arrebanhando. Uma possibilidade de movimento em direção ao processo de sensibilização ao patrimônio.



Figura 11. Turma de alunos visitando o Arrebanhando
Fonte: Da pesquisadora (2022).

Considera-se que a RAU seja um agente de educação patrimonial quando diz dessa história, resgata memórias, valoriza a troca de saberes e o patrimônio cultural. Em seu site, encontramos referências aos saberes ancestrais indígenas, conforme destacamos abaixo na Figura 12, como a técnica do acordelado, um dos métodos mais antigos e tradicionais de produção de cerâmica utilizada pela maioria dos grupos indígenas.



Figura 12. Destaque para a técnica do acordelado.
Fonte: Arrebanhando.

O Arrebanhando ainda aponta para um protagonismo feminino atribuindo à mulher Guarani o papel de mediadora cultural nas suas práticas, conforme a Figura 13.



Figura 13.: Destaque para os saberes das mulheres Guarani.
Fonte: Arrebanhando.

ARREBANHANDO VIDA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENTRE VALES E ARROIOS (RS)

O que aconteceu no Arrebanhando se repetiu em várias residências e edificações, deixando marcas tanto estruturais como nas mentes e corações dos moradores. Além dos valores econômicos, torna-se importante refletir acerca das implicações sociais e psicológicas em ter que deixar a casa, o lugar de identificação das pessoas. A casa é um patrimônio referencial e, como tal, carregado de memórias, significados e representações do Eu, da subjetividade. O que é feito ou refeito de um lugar? Como transformar o que era em outro lugar? O que ainda resiste? E o que será? Do primeiro deslocamento, a tentativa de encontrar um lugar para que as atividades continuassem, pós-enchentes de setembro e novembro 2023, ainda eram possíveis. Com o ocorrido em maio 2024, pontes ruíram e o acesso ficou interrompido. Novos deslocamentos, ainda resistir. A sede da RAU ocupou provisoriamente três locais em cidades diferentes. Em 2025, o RAU está num espaço “emprestado”, sendo lugar de viver e ateliê, encontrando solidariedade, procurando resgatar-se e arrebanhar-se outra vez.

ARREBANHAR-SE: NARRATIVAS DE UM RE-CONHECER-SE E RE-SIGNIFICAR-SE

“Sentimento de que arrumei o lugar para voltar a ser o que era”. Cláudia Jung

A Figura 14 apresenta a ceramista Cláudia Jung em meio ao jardim num momento de visita ao ateliê. Percebe-se a presença da natureza que, com as enchentes, foi tomada pela lama.



Figura 14.: Ceramista Cláudia Jung
Fonte: Da pesquisadora (2022).

Foram várias as ações educativas como a da Figura 15, em que se vê uma atividade realizada com crianças.



Figura 15.: Atividade realizada com crianças na RAU.
Fonte: Arrebanhando (2025).

Os efeitos da enchente oportunizaram também olhar para um patrimônio cultural que estava presente, mas não era percebido por que estava soterrado. A água confirmou que “este território é indígena”, como proferiu a arqueóloga Machado (Girardi, 2024). Saber sobre os povos que viviam neste lugar antes da colonização nos coloca diante de um pensar decolonial. Particularmente, também percebi, por lugares onde andei, que eu não via tudo das paisagens. Do lado de lá do rio, agora consegue-se avistar uma pequena e antiga igreja, que não era percebida. Grandes e fortes árvores foram levadas pela fúria da água e deixaram expostas suas raízes, demonstrando como somos frágeis diante da natureza.

Pretendemos neste momento realizar um recorte da fala da ceramista durante as entrevistas que realizamos. Vamos compor este painel para um re-significar. “É um código cultural de comunicação que só os seus podem escutá-lo”, diz Glicéria Tupinambá (2025, p. 4), sobre o manto Tupinambá que regressou ao Brasil. Podemos relacionar o saber sobre a cerâmica Guarani com esta fala? A prática das mulheres com a cerâmica também é um código cultural que se faz ouvido e sentido através do Arrebanhando.

Com o objetivo de compreender mais sobre o Arrebanhando e suas camadas de significados realizamos uma conversa com a ceramista Cláudia Jung, procurando identificar os motivos de encontrar na cerâmica um propósito, o surgimento de uma Residência Artística Urbana, os atravessamentos e caminhos percorridos e sobre perspectivas para o futuro. Seguimos a forma de oralidade, assim como os conhecimentos dos povos originários eram passados. Vamos conhecer um pouco dessa história que é pessoal, mas junta-se à atividade profissional, afinal, somos uma unidade e tecidos por vários fios que nos integram.

Agendamos um horário no ateliê e elaboramos algumas perguntas para nortear o que considerávamos importante abordar. Não podemos deixar de relatar da

emoção de ambas em falar das questões do Arrebanhando. Uma troca sensível, que tocava em sentimentos e perdas significativas ainda permeadas por cicatrizes e fragilidade. Enfim, memórias sensíveis.

Como abordado anteriormente, a terra, para os povos tradicionais, é um vínculo sagrado com os antepassados e fala de sua identidade. Esta afirmação levou-nos a interrogar se, para a Cláudia, trabalhar com a cerâmica não teria esse mesmo sentido. Com a sua sensibilidade e conhecimento sobre o lugar que habita, entendeu que também preservava uma memória coletiva como uma possibilidade de ressignificar o lugar? Talvez sentir-se guardião do território? Entendeu que o terreno precisava de cuidado, plantou, reflorestou, procurou restabelecer uma harmonia da natureza. Sobre isso, assim ela se refere: “Eu dizia que eu não tinha como colocar a terra que meu pai retirou de volta. Os tijolos que meu pai fez estão em várias cidades [...]. Meu pai fez muitos tijolos. Muitas casas foram construídas com esta terra. Mas eu plantei árvores.”

A vida na cerâmica sentida como um propósito onde Cláudia diz ser “uma necessidade existencial” e que “Todo o processo do Arrebanhando eu sinto muito. Não sei como descrever, mas sentir. Toda a história do meu pai, da olaria, das mulheres Guarani que produziam cerâmica naquele lugar, não estava claro, e como foi me conduzindo para a cerâmica. Foi algo muito sutil.”

Uma herança cultural em trabalhar com as mãos, o barro e a lã de ovelha. O trabalho com o barro era uma atividade passada de avô para pai e a Cláudia mudou a história com a cerâmica, resgatou a história do lugar e honrou o território. Relatou que quando fazia curso de cerâmica, seu pai adoeceu e ela levou uma peça que produzira no hospital para ele ver “o que também poderia ser feito com o barro, além dos tijolos que ele produzia.”

A percepção da ceramista quanto à interconexão da vida que nos constitui é assim relatada: “na verdade, somos a soma do lugar, da família que nascemos, das pessoas com quem nos relacionamos”. Na sua fala percebemos a importância dos laços familiares quando conta sobre as consequências da enchente. “Foi tudo herdado pelo meu avô. Os tios viviam nesta rua. A Rua Maurício Cardoso era de três gerações.”

Os ensinamentos com as enchentes são relatados com agradecimento por tudo que recebeu das pessoas: “O outro lado desta história triste foi receber a atenção das pessoas. Essa coisa da bondade tomou uma importância tão grande. Tem uma simbologia tão forte do que fazia parte do nosso dia a dia, compartilhávamos as frutas, como uma dádiva, uma benção. Poder ofertar. Hoje eu vivo ainda isso, as pessoas me dão, eu não tenho mais árvores em que eu possa colher frutas.” Mas ao mesmo tempo diz que temos que aprender como humanidade sobre a vida mais consciente, sobre as ações no meio ambiente. A ceramista tem consciência dos danos que o ser humano causa na natureza e assim se expressa: “O que as cheias querem dizer?”

Cláudia argumenta que a argila tem muito a nos ensinar. Segundo ela, “desenvolver uma relação com a argila é uma analogia com a vida. Ensina a ser resiliente, vamos nos moldando, lidando com as frustrações das quebras”.

ARREBANHANDO VIDA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENTRE VALES E ARROIOS (RS)

O Arrebanhando enquanto lugar de memória e pesquisa de saberes das mulheres Guarani no processo de trabalhar a cerâmica torna-se o eixo central deste trabalho. A ceramista comenta que “o resgate da técnica aproxima as pessoas da cultura, o respeito pelo povo indígena [...]”. Outro aspecto é “dar valor ao papel da mulher no decorrer da história.” Destaca ainda que “as tarefas pequenas do dia a dia têm muita importância. Vai de encontro com o feminino, o afetivo, o modelar”.

Quando questionada sobre as perspectivas do Arrebanhando, uma vez que o lugar está condenado e não pode mais ser habitado, como residência nem como ateliê Claudia assim se expressou: “Para nutrir o Arrebanhando, não está fácil. Eu sou alguém que acredita no seu propósito. Eu não vou desistir. O Arrebanhando está aqui neste espaço que é alugado, recebo aluguel social, uso o valor das aulas para pagar o aluguel, a energia. Meu objetivo é continuar falando no acordelado. Trazer no caminho de volta, deste caminho tão frio, e o acordelado resgata muita coisa. É o bem. Nos faz pensar, agir com calma, numa vida mais serena, mais consciente, mais conectada com a sua história e o ser humano.” E sentencia: “O Arrebanhando não termina aqui, é uma outra página desta história.” A Figura 16 apresenta a ceramista no novo ateliê, junto com os desafios e incertezas que lida a cada dia.



Figura 16.: Cláudia, em novo ateliê.
Fonte: Da pesquisadora (2025).

CONSIDERAÇÕES

Cada imagem de uma história registrada na memória guarda um pedaço de quem somos, do que vivemos e, curiosamente, do que sonhamos ser. Ela é muito mais do que uma simples ferramenta do cérebro – é o que dá sentido à nossa existência. Por isso, cuidar da memória é também cuidar do que nos torna humanos. O cuidado com a memória, portanto, não é apenas físico, mas também emocional e cultural. É um convite para nutrir não apenas o corpo e o cérebro, mas as conexões que nos tornam humanos. [...] (Werá, 2024).

A crônica do escritor, educador, ativista indígena Kaká Werá, um porta-voz da cosmovisão ancestral de respeito e cuidado com a natureza, que fala do poder sagrado da memória parece contemplar considerações sobre este texto. Uma memória física, emocional e cultural.

Através deste trabalho de conclusão da Especialização em Turismo Cultural e Educação Patrimonial abordamos subjetividades, história de vida e lugar, memória e saberes ancestrais. Entendemos que tenhamos contemplado nossos objetivos quando narramos a história do Arrebanhando, uma Residência Artística Urbana, que contribui para a preservação de um legado dos povos originários nos saberes de suas mulheres e que, enquanto espaço turístico e cultural, gerou memórias nos visitantes. Um território marcado por eventos ambientais que nos trazem ensinamentos urgentes sobre o cuidado da nossa casa comum, a terra.

Propusemos caracterizar as transformações de um território marcado por diferentes camadas de ocupação: desde a presença indígena originária, passando pela exploração como olaria e sua ressignificação como um ateliê de cerâmica. Um lugar de ativação de memórias.

O estudo teve por objetivo debater sobre os impactos das mudanças climáticas e a relação com o patrimônio cultural. Uma temática que se faz tão urgente agora e em conexão com diversos campos do saber. As enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul revelaram um patrimônio cultural que estava escondido. Com ele, novas perspectivas de conhecimento sobre o passado deste território e possibilidades de valorização do patrimônio cultural, no viés da educação patrimonial. Um debate que se revela pertinente, almejando-se que políticas públicas voltadas à educação sobre o patrimônio se concretizem.

REFERÊNCIAS

A LUTA da mulher Guarani na defesa dos territórios. **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)**, 02 ago. 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org/2021/08/02/a-luta-da-mulher-guarani-na-defesa-dos-territorios/>. Acesso em: 28 dez. 2025.

ARREBANHANDO - Residência Artística Urbana. **Facebook**, 2025. Disponível em: <https://www.facebook.com/arrebanhando>. Acesso em: 26 dez. 2025.

BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2011.v13i26.a13625>

CASA fogo corpo - Rita Carelli e Cristine Takuá - Planeta Casa. 18 jun. 2025. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CZb_BkhvV5k&t=728s. Acesso em: 28 dez. 2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010.

GIRARDI, Yasmim. Enchente do Vale do Taquari traz à tona descobertas arqueológicas sobre os povos Guaraní. **Zero Hora**, 8 jul. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2024/07/enchente-do-vale-do-taquari-traz-a-tona-descobertas-arqueologicas-sobre-os-povos-guarani-clyc8eide02sq013o53a27yuj.html>. Acesso em: 26 dez. 2024.

FONTAL MERILLAS, O. **La educación patrimonial centrada en los vínculos**: el origami de bienes, valores y personas. Gijón, Asturias: Ediciones Trea, 2022.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acessado em: 15 fev. 2025

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. **Carta internacional sobre a proteção e a gestão do património arqueológico**. Lausanne: ICOMOS, 1990. Disponível em: <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/31%20Carta%20patrim%C3%B3nio%20arqueol%C3%B3gico%20-%20ICOMOS%201990.pdf>. Acesso em: 23 maio 2025.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KREUTZ, M. R.; MACHADO, N. T. G. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. Lajeado: Editora da Univates, 2017.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

MACHADO, S. 'Foi assustador': carta de 83 anos detalha estragos da grande enchente de 1941 no Rio Grande do Sul. **BBC News Brasil**, 18 maio 2024. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2898rxq1j9o>. Acesso em: 28 dez. 2025.

NOELLI, F. S.; BROCHADO, J. P.; CORRÊA, A. A. A linguagem da cerâmica Guaraní: sobre a persistência das práticas e materialidade. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 10, n. 2, p. 167-200, 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v10i2.20935>

OLIVEIRA, R. de. As cicatrizes que o Taquari deixou na alma de Cruzeiro do Sul. **Zero Hora**, 02 jun. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/rosane-de-oliveira/noticia/2024/06/as-cicatrizes-que-o-taquari-deixou-na-alma-de-cruzeiro-do-sul-clwxjv4jb00bn0146v45jgnh5.html>. Acesso em: 28 dez. 2025.

PAIAKAN, M. “O nosso território é o ponto central dessa conjuntura política”. In: RICARDO, F.; KLEIN, T.; SANTOS, T. M. dos (ed.). **Povos indígenas no Brasil**: 2017/2022. 2. ed. São Paulo, SP: Instituto Socioambiental, 2023. Disponível em: https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/i4100032_1.pdf. Acesso em: 28 dez. 2025.

PINHEIRO, I. A.; LEÃO, P. M. D. Paisagem: culturalmente natural. In: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ, 8., 2018. **Anais [...]**, Sobral, CE, 2018. Disponível em: https://sistemas.uvanet.br/sadoc/participante/trabalho/trab_pos_5e3eb3b083f468686e8913eae43ce75b.pdf. Acesso em: 28 dez. 2025.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHNEIDER, F.; MACHADO, N. T. G. Organização regional dos assentamentos Guarani: uma proposta interpretativa a partir da cerâmica arqueológica. **Habitus**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 393-421, jul-dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18224/hab.v18i2.8642>

SCHNEIDER, F.; MACHADO, N. T. G. Pesquisas e povoamento antigos na Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/Rio Grande do Sul. **Univates**, 12 set. 2024. Disponível em: <https://www.univates.br/noticia/35530-pesquisas-e-povoamento-antigos-na-bacia-hidrografica-taquari-antasrio-grande-do-sul>. Acesso em: 28 dez. 2025.

SOUZA, M. Do primeiro alerta à catástrofe: como se desenhou a maior enchente da história. **A Hora**, 01 jun. 2024. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2024/06/01/do-primeiro-alerta-a-catastrofe-como-se-desenhou-a-maior-enchente-da-historia/>. Acesso em: 28 dez. 2025.

TUPINAMBÁ, G. Arrume a casa que eu estou chegando. **Cadernos Selvagem**, Dantes Editora, 2025. Disponível em: https://selvagemiciclo.org.br/wp-content/uploads/2025/06/CADERNO108_GLICERIA_TUPINAMBA.pdf. Acesso em: 28 dez. 2025.

UNESCO. Patrimônio mundial no Brasil. 2025. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/node/108110>. Acesso em: 28 dez. 2025.

VILELA, P. R. RS: cidades do Vale do Taquari contabilizam estragos e repensam futuro. **Agência Brasil**, 20 maio 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/rs-cidades-do-vale-do-taquari-contabilizam-estragos-repensam-futuro>. Acesso em: 28 dez. 2025.

WERÁ, K. **O poder sagrado da memória**. 27 dez. 2024. Disponível em:
<https://www.kakawera.com/post/o-poder-sagrado-da-memoria>. Acessado em:
18 jun. 2025.

Ana Gelsemina Galafassi: Mestre em Design, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Especialista em Práticas Curatoriais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Especialista em Turismo Cultural e Educação Patrimonial, Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), Vínculo institucional: Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) – RJ.

Wallace Araujo Oliveira: Doutor e Mestre em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro com associação a *Université Sorbonne Paris Nord*, Especialista em Patrimônio Cultural, CEFET – RJ. Vínculo institucional: IPN. Docente do Curso de Pós-Graduação em Turismo Cultural e Educação Patrimonial no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) – RJ.

Texto recebido em: 11/01/2026

Texto aprovado em: 04/03/2026